

GUILHERME BOULOS E
LUIZA ERUNDINA NO HGPE
APRESENTAÇÃO DO EU COMO
CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SOCIAIS

Aline Vaz*
Marcela Barba†

Resumo: Este estudo objetiva investigar a campanha televisiva dos candidatos do PSOL em São Paulo nas eleições de 2020, a fim de verificar se ela indica uma nova esquerda em ascensão ou representa a continuidade de uma imagem moderada, similar à construída pelo PT. Para isso, foram analisados programas televisivos do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral veiculados durante o segundo turno, quando Guilherme Boulos e Luiza Erudina foram os concorrentes do partido, com a análise voltada para as estratégias comunicativas utilizadas. Os resultados indicaram neutralidade nas mensagens e ênfase na temática candidato, aproximando os pleiteantes do eleitorado. O estudo contextualiza essa ascensão após duas décadas de disputas entre PT e PSDB na cidade.

Palavras-chave: eleições municipais; HGPE; Guilherme Boulos; Luiza Erundina.

**GUILHERME BOULOS AND LUIZA ERUNDINA ON THE
TIME OF FREE CAMPAIGN ON TELEVISION (HGPE)
THE PRESENTATION OF THE “SELF” AS
CONSTRUCTION OF SOCIAL INTERACTIONS**

Abstract: This study aims to investigate the television campaign of PSOL candidates in São Paulo during the 2020 elections, in order to determine whether it signals the rise of a new left or represents the continuation of a moderate image similar to that constructed by the Workers' Party (PT). The research analyzed television programs aired during the Free Electoral Advertising Time (Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral) in the second round, when Guilherme Boulos and Luiza Erundina were the party's candidates. The analysis focused on the communicative strategies employed. The results indicated message neutrality and an emphasis on candidate-centered themes, aiming to bring the candidates closer to the electorate. In addition, contextualizes this rise following two decades of political competition between the PT and PSDB in the city.

Keywords: municipal elections; HGPE; Guilherme Boulos; Luiza Erundina.

* Doutora com estágio pós-doutoral pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. Docente do PPGCom-UTP. Coordenadora da Linha de Pesquisa Estudos de Cinema e Audiovisual do PPGCom/UTP. Líder do Grupo de Pesquisa TELAS: cinema, televisão, streaming, experiência estética (PPGCom/UTP/CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2416-200X>.

† Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF); Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM/UFPR); bolsista CAPES. É integrante do Laboratório de Mídia e Democracia (LAMIDE-UFF) e do Grupo de Pesquisa TELAS: cinema, televisão, streaming, experiência estética (PPGCom/UTP). Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5307-8379>.

1 INTRODUÇÃO

Fundada em 1554 por padres jesuítas, a cidade de São Paulo, capital do estado de mesmo nome, é mundialmente conhecida e exerce significativa influência nacional e internacional. Segundo o último censo, realizado em 2010, o município totalizava uma população de 11.253.503 pessoas, devendo já ultrapassar os seus 12 milhões de habitantes, e, segundo dados do Governo do Estado, “atualmente a região está consolidada como uma das maiores potências econômicas e políticas do mundo, segue em pleno desenvolvimento e abriga pessoas do mundo todo” (São Paulo, 2024).

Nas eleições municipais de 2020 o primeiro turno foi disputado entre os candidatos à prefeitura: Bruno Covas (PSDB) com 32,85% dos votos; Guilherme Boulos (PSOL) com 20,24%; Márcio França (PSB) com 13,64%; Celso Russomanno (REPUBLICANOS) com 10,50%; Arthur do Val Mamãe Falei (PATRIOTA) com 9,78%; Jilmar Tatto (PT) com 8,65%; e Joice Hasselmann (PSL), Andrea Matarazzo (PSD), Marina Helou (REDE), Orlando Silva (PCdoB), Levy Fidelix (PRTB), Vera (PSTU), Antônio Carlos (PCO), todos com menos de 2% dos votos; totalizando ainda 5,87% de votos em branco, 10,11% de votos nulos e 29,29% de abstenção.

O resultado levou os candidatos Bruno Covas (PSDB) e Guilherme Boulos (PSOL) para a disputa de segundo turno. Covas¹ venceu as eleições com 59,38%, 3.169.121 votos, seguido de Boulos, que atingiu 40,62%, 2.168.109 votos, sendo que 273.216 (4,39%) dos votos foram contabilizados em branco, 607.062 (9,76%) votos nulos e 2.769.179 (30,81%) abstenções. Sem a presença no segundo turno, o *PT – Partido dos Trabalhadores*, com menos de 10% dos votos, tem o protagonismo ofuscado neste cenário, o que nos motiva a observar as estratégias utilizadas pelos candidatos do PSOL na eleição em foco e quais são os efeitos de sentidos construídos na disputa eleitoral com o partido da situação, o *PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira*, representado pela candidatura de Bruno Covas, na época prefeito, desde que João Dória deixou a prefeitura de São Paulo para assumir o Governo do Estado.

¹ O então prefeito faleceu pouco tempo depois de sua eleição, no dia 16 de maio de 2021, aos 41 anos. Covas lutava desde 2019 contra um câncer no sistema digestivo com metástase nos ossos e no fígado. O vice-prefeito Ricardo Nunes, do *MDB - Movimento Democrático Brasileiro*, viria assumir a prefeitura da cidade.

Destaca-se, ainda, que as eleições do ano 2020 se diferenciaram de todas as anteriores, uma vez que esse ano marcou o início da pandemia de COVID-19, causada pelo novo coronavírus. As modificações decorrentes dessa pandemia afetaram as relações da população ao redor do mundo. No caso brasileiro, impactaram, inclusive, o calendário das eleições municipais, originalmente previstas para acontecer em 4 de outubro (primeiro turno) e 25 de outubro (segundo turno). Com aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 18/2020 no Plenário da Câmara dos Deputados, as novas datas foram estipuladas para 15 de novembro (1º turno) e 29 de novembro de 2021 (2º turno), à exceção de Macapá, que teve outro adiamento, resultado de um apagão de energia elétrica que durou 22 dias e afetou 13 das 16 cidades do Amapá. A propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão teve início em 9 de outubro para o primeiro turno, com encerramento no dia 12 de novembro. No segundo turno, iniciou em 20 de novembro e terminou em 27 de novembro. Já a propaganda na internet iniciou-se em 27 de setembro e encerrou-se em 27 de novembro, com uma pausa em 15 de novembro devido à realização do primeiro turno das eleições.

É nesse contexto das eleições municipais de São Paulo, em 2020, que o presente estudo se debruça para estudar os programas televisivos de segundo turno da candidatura de Guilherme Boulos a prefeito do município e Luiza Erundina, candidata a vice-prefeita, exibidos no *Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral – HGPE*. Os programas televisivos dos candidatos lançados pelo *PSOL - Partido Socialismo e Liberdade*, constituem o *corpus* desta pesquisa por representarem um novo cenário na política paulistana, há alguns anos protagonizado pela disputa entre “tucanos”² e “petistas”³.

A relevância da propaganda eleitoral no cenário político nacional é histórica, uma vez que “em todo o mundo, nenhuma democracia reserva tanto tempo à propaganda eleitoral gratuita dos partidos na TV como o Brasil” (Schmitt; Carneiro; Kuschnir, 1999, p. 21). Conforme afirma Emerson U. Cervi (2010), o HGPE demarca o “tempo da política”, pois indica o momento em que o eleitor recebe as informações eleitorais pela televisão sem a necessidade de

² Por essa denominação são conhecidos os membros do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

³ Expressão utilizada para referir-se aos filiados ao Partido dos Trabalhadores (PT).

buscá-las ativamente. Diferentemente das redes sociais, trata-se de um espaço de comunicação de massa, voltado para todos os públicos, sem qualquer estratificação. Assim, configura-se como uma importante ferramenta democrática e de comunicação entre os candidatos e eleitores, dado que a propaganda gratuita oferece aos postulantes um meio de se apresentar diretamente, sem a mediação da imprensa (Albuquerque; Tavares, 2018; Miguel, 2010). Ainda que as mídias digitais alterem a percepção da importância da propaganda política televisiva, Borba, Meira e Dutt-Ross (2022, p. 210) constataram, no âmbito das eleições de 2020, que o HGPE segue interessando à maioria do eleitorado, assim como o “‘tempo de antena’ é um ativo altamente desejável em função da sua comprovada capacidade de aumentar significativamente a competitividade dos candidatos”.

Com base na importância do HGPE no estudo da comunicação política, a presente pesquisa, portanto, parte da premissa de que os modos de exibição da imagem de Boulos e Erundina no HGPE acarretam uma nova composição partidária em disputa direta com o PSDB. O partido, fundado em 1988 e registrado em 1989, surgiu a partir de uma cisão do MDB, que mesclava a social-democracia, a democracia cristã e o liberalismo econômico e social. Nessa perspectiva, o PSOL, que teve sua construção iniciada em 2003, ao disputar o segundo turno das eleições municipais de São Paulo em 2020, conquistou o lugar tradicionalmente ocupado pelo partido de centro-esquerda⁴, o PT, fundado em 1980. Para isso, a chapa do PSOL apresentou um novo líder político em evidência, Guilherme Boulos, então com 38 anos, em justaposição a uma mulher experiente, com mais de 80 anos, que já havia ocupado a prefeitura de São Paulo em um outro momento da história do país, sendo inclusive uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores. Logo, diante da presença

⁴ A classificação ideológica dos partidos neste artigo está fundamentada em pesquisa realizada por Coppedge (1997), atualizada por Codato, Berlatto e Bolognesi (2018). Dessa forma, segundo os autores, os partidos se dividem em: a) partidos confessionais de direita: baseiam-se em concepções religiosas ou estão ligados a igrejas e movimentos fortemente conservadores; b) partidos personalistas: focam no apelo em carisma ou poder de sua liderança, “partidos eleitoralmente oportunistas, que podem ligar-se indiferentemente à esquerda ou à direita” (Codato; Berlatto; Bolognesi, 2018, p. 880); c) partidos seculares de centro: possuem programas vagos e difundem princípios políticos liberais; d) partidos seculares de centro-esquerda: enfatizam igualdade e mobilidade social, distribuição de renda e acumulação de capital privado; e) partidos seculares de esquerda: empregam retórica marxista, enfatizam distribuição de renda e propriedade; f) partidos seculares de direita: partidos autoritários e com mensagem conservadora.

dessas duas figuras políticas na disputa eleitoral contra o PSDB, torna-se possível questionar se os modos de representação de Boulos e Erundina no HGPE direcionam-se na construção de uma nova esquerda em ascensão ou para a continuidade de uma imagem esquerdista já consolidada pela atuação petista na história de São Paulo.

A fim de investigar a construção da imagem pública⁵ veiculada pelos candidatos psolistas, o artigo está dividido em quatro seções. Inicialmente, faz-se um breve resgate histórico sobre a dualidade entre “esquerda” e “direita” que predominou em São Paulo ao longo das últimas duas décadas, além do contexto da eleição de 2020 e uma sucinta biografia de Boulos e Erundina. Em seguida, delineia-se o caminho metodológico percorrido, pautado na Análise de Conteúdo. A partir dos achados, passa-se à discussão dos resultados, que indicam a ênfase da temática do candidato nos vídeos decupados. Por último, são apresentadas as considerações finais.

2 CONFLUÊNCIAS POLÍTICAS E IDEOLÓGICAS MANIFESTAS NA CANDIDATURA DE BOULOS E ERUNDINA

É notório que na história de São Paulo sempre houve disputas entre lados opositores tradicionalmente vistos como rivais no contexto político e ideológico, ou seja, estes “adversários apresentavam práticas políticas muito distintas com propostas antagônicas para a cidade” (Veiga; Souza; Cervi, 2007, p. 55).

A rivalidade entre petistas e malufistas iniciou-se em 1988 e se estendeu nos pleitos seguintes. A disputa inicial se deu entre Luiza Erundina (PT) e Paulo Maluf (PDS), resultando na vitória da candidata petista. O representante tucano era José Serra, que obteve 6,9% dos votos. No pleito municipal seguinte, em 1992, Maluf (PDS) se apresentou para a disputa novamente, enfrentando e vencendo Eduardo Suplicy (PT). Fábio Feldman (PSDB) obteve 5,8%.

⁵ Conforme afirma Weber (2004, p. 260), a “constituição da imagem pública é mantida como fator vital à visibilidade e reconhecimento de ‘instituições e sujeitos da política’”, desde governantes, partidos até políticos. Quanto maior a universalidade das imagens, mais próxima estará da política e dos eleitores. Assim, “a imagem pública é resultante da imagem conceitual, emitida por sujeitos políticos em disputa de poder e recuperada na soma das imagens abstratas (o intangível, a imaginação), com as imagens concretas (o tangível, os sentidos)”.

Na eleição de 1996, Paulo Maluf indicou seu secretário da Fazenda, Celso Pitta (PPB), para disputar sua sucessão com Luiza Erundina (PT). Graças ao prestígio do padrinho, Pitta (62,3%) venceu. José Serra, de novo candidato, obteve 15,6% dos votos.

O PT retorna à Prefeitura de São Paulo quatro anos depois com a vitória de Marta Suplicy sobre Maluf. O então vice-governador Geraldo Alckmin (PSDB) obteve 17,2% dos votos no primeiro turno. (Veiga; Souza; Cervi, 2007, p. 55).

A perda de espaço do malufismo entre seu eleitorado começou em 2004, a partir de uma série de denúncias envolvendo Paulo Maluf em esquemas de corrupção. O PT, então, estava reduzindo o tom de esquerda no discurso. Nessa disputa eleitoral, Maluf não chegou ao segundo turno, que fora ocupado por Marta Suplicy (PT) e José Serra (PSDB), sendo que o inesperado viria a acontecer: Marta Suplicy seria apoiada por Paulo Maluf, ou seja, “não houve naquele pleito mais lugar para o estereótipo: candidato de direita *versus* candidato de esquerda. O discurso ficou mais no campo pragmático: situação *versus* oposição” (Veiga; Souza; Cervi, 2007, p. 56).

Assim, a partir da eleição da Marta Suplicy no ano de 2000, vislumbrava-se um cenário político na capital paulistana em que prevaleceria a contraposição PT e PSDB. Na sequência, foram eleitos José Serra, do PSDB, em 2004; Gilberto Kassab, em 2008, então filiado ao DEM; Fernando Haddad, do PT, em 2012; e João Dória, do PSDB, em 2016. Em 2020, assim como ocorreu com Maluf e os escândalos ligados à corrupção, o PT perdeu o protagonismo eleitoral, sendo contraposto por um discurso anticorrupção, amplificado, acima de tudo, por um discurso bolsonarista de extrema-direita. Esse discurso foi representado na disputa municipal de São Paulo, em 2020, representado pelo candidato Celso Russomano, do REPUBLICANOS, que conseguiu conquistar apenas 10,50% dos votos no primeiro turno. O PSDB, partido tradicional de uma dita direita, ou seguindo a classificação de Coppedge (1997), atualizada por Codato, Berlatto e Bolognesi (2018, p. 880), um partido secular de centro, mas “próximo de uma *lean right*”, permaneceu na disputa de segundo turno com um partido da secular de esquerda⁶, agora o PSOL. Note-se que a funda-

⁶ Os partidos seculares de esquerda são aqueles que enfatizam a distribuição de renda, defendem que o Estado deve atuar na correção de desigualdades sociais e econômicas. Importante mencionar que, enquanto o PSOL enquadra-se nessa classificação, o PT é secular de centro-esquerda. A moderação desses partidos é vista na sua ênfase à igualdade social “entre

ção do Partido Socialismo e Liberdade, em 2004, ano da disputa entre Marta Suplicy e José Serra, viria, talvez, suprir algo que acontecia naquele momento em que “o PT não utilizou o discurso contra o neoliberalismo. Evitou tocar no assunto política econômica, tema considerado carro-chefe enquanto o partido estava na oposição nacional”. Neste contexto, foram “os partidos mais à esquerda *que* se encarregaram das críticas ao modelo neoliberal e agora contra o PSDB e também o PT” (Veiga; Souza; Cervi, 2007, p. 71, grifo nosso).

Logo, quando o PT deixa de protagonizar o antagonismo com o PSDB nas eleições, uma esquerda que vinha se consolidando desde a mudança de tom do Partido dos Trabalhadores surge na tradicional rivalidade entre direita e esquerda (ou mesmo situação *versus* oposição) no contexto político, que por algum tempo se organizou entre tucanos e petistas. O PSOL⁷, representado pela candidatura de Guilherme Boulos a prefeito de São Paulo e Luiza Erundina como a sua vice, inicia sua campanha em um embate direto com Russomanno, apoiado pelo presidente da república Jair Bolsonaro, e termina as eleições rivalizando com o PSDB no segundo turno, representado por Bruno Covas, ex-vice-prefeito de João Dória.

Na candidatura do PSOL justapõe-se a figura de um novo representante da esquerda, Guilherme Boulos, conhecido pela sua atuação na luta pelo direito à moradia, e a figura de uma octogenária, ex-prefeita de São Paulo, participante da fundação do PT, que também foi filiada ao PSB (Partido Socialista Brasileiro), até chegar ao PSOL.

a ‘distribuição’ de renda ‘e a acumulação’ privada de capital”, preocupam-se com a atração de eleitores de classe média e alta. Por sua vez, os partidos de centro são aqueles com programas vagos que enfatizam o liberalismo (Codato; Berlatto; Bolognesi, 2018, p. 880).

⁷ Segundo o site do PSOL (2024), a construção do partido teve início em dezembro de 2003, quando os então deputados João Fontes e João Batista Babá, a deputada Luciana Genro e a senadora Heloísa Helena foram expulsos do Partido dos Trabalhadores (PT) por votarem contra a orientação da legenda na reforma da previdência, realizada no primeiro ano do governo Lula, que retirava direitos dos servidores públicos. Segundo Giúdice (2019), a estrutura organizacional do PSOL se baseia em tendências internas desde sua fundação, permitindo a coexistência de diferentes correntes ideológicas. Ao longo dos anos, algumas tendências se fragmentaram, enquanto outras se uniram, refletindo mudanças na conjuntura política e nas prioridades do partido. Atualmente, o partido é palco de disputa entre um setor moderado e um setor radicalizado. Note-se que tal pluralidade ocorre uma vez que seu “modelo de organização reconhece e legitima a existência de facções (ou tendências)” (Santos Junior; Albuquerque, 2020, p. 100), bem como é um dos partidos no Brasil que mais têm empregado o uso de mídias sociais, contribuindo para que diferentes agentes tenham voz, independente da hierarquia partidária.

Vejamos que, de acordo com a biografia de Guilherme Boulos (2023), disponível em seu site oficial, o candidato a prefeito de São Paulo, pelo PSOL, também professor, ativista social do *Movimento dos Trabalhadores Sem Teto* (MTST) e da *Frente Povo Sem Medo*, tem sua atuação marcada na luta contra as desigualdades e por um novo modelo de sociedade. Filho caçula de dois médicos e professores da Universidade de São Paulo (USP), deixou sua casa em bairro nobre de São Paulo, aos 20 anos, para atuar em uma ocupação sem teto em Osasco, na região metropolitana de São Paulo. Nascido em 1982, formou-se em Filosofia pela USP, especializado em Psicanálise pelo Cogea/PUC e Mestre em Psiquiatria pela USP. Lançado candidato pelo PSOL, em 2018, foi o postulante à Presidência da República mais novo da história brasileira.

Casado com Natalia Szermeta, coordenadora estadual e nacional do MTST, e pai de Sofia e Laura, junto aos milhares de integrantes do MTST, conquistou habitações para mais de 20 mil pessoas. Segundo a biografia disponível em seu site, “Desde as jornadas de junho de 2013, Boulos tem se destacado como uma das maiores lideranças políticas brasileiras e esteve na linha de frente da resistência ao golpe parlamentar de 2016 e na campanha pelo Fora Temer”.

Luiza Erundina, nascida em 1934, em Uiraúna na Paraíba, tornou-se professora primária em 1958, sendo que, com 23 anos, foi diretora de Educação e Cultura da prefeitura de Campina Grande. Em 1966, graduou-se pela Escola de Serviço Social da Paraíba, em João Pessoa, e em seguida cursou mestrado em Ciências Sociais na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Construiu uma longa história dedicada à política, assumindo seu primeiro cargo público no ano de 1958, quando foi Secretária de Educação de Campina Grande, na Paraíba. Perseguida pela ditadura militar, emigra para São Paulo em 1970. E foi no ano de 1980 que participa da fundação do PT, elegendo-se em 1982 como vereadora da cidade de São Paulo. Quatro anos depois, foi eleita deputada estadual e, em 1988, tornou-se prefeita, sendo a primeira mulher a assumir o cargo na capital paulistana. Após o impeachment do presidente Collor, em 1993, no governo Itamar Franco, foi nomeada ministra da Secretaria da Administração Federal. No PSB, em 1998, foi eleita deputada federal por São Paulo, o primeiro mandato dos sete que conquistaria até o momento.

Segundo a biografia publicada em seu site oficial, Erundina (2019)

desde então vem atuando de forma exemplar e ética, próxima das bases e integrada à sociedade pela inclusão da classe trabalhadora, dos excluídos e das minorias, tendo como princípio maior a justiça social e a igualdade de direitos.

Ao longo de sua carreira parlamentar, Erundina coordenou a Frente Parlamentar pela Liberdade de Expressão e o Direito à Comunicação com participação popular (Frentecom) e a Subcomissão Permanente Parlamentar Memória, Verdade e Justiça; compôs a Bancada Feminina da Câmara dos Deputados; integrou as comissões permanentes de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática (CCTCI), de Legislação Participativa (CLP) e de Direitos Humanos e Minorias (CDHM); além das comissões temporárias do caso Marielle Franco e Anderson Gomes; das comissões especiais da Reforma Política, da comissão especial dos fitoterápicos (PL 3381/2004), da comissão especial da PEC-181/2015 e da comissão especial da Lei Geral das Telecomunicações (PL 7406/2014); da Comissão Externa do Zika Vírus e Microcefalia; e da Comissão Mista da MP-759/16 (Regularização Fundiária Rural e Urbana).

Luiza Erundina carrega em sua imagem a atuação em dias atuais e a nostalgia de tempos idos, de sua memorável atuação como prefeita petista de São Paulo. Por sua vez, Guilherme Boulos apresenta em sua imagem uma liderança renovada, um homem jovem, com ampla experiência no movimento social. Duas lideranças políticas que carregam a tradição e a novidade e se encontram disputando na mesma chapa as eleições municipais no ano de 2020 em São Paulo.

Não por acaso, durante a campanha eleitoral, uma série de postagens foi publicada nas redes sociais de Boulos e Erundina às terças e sextas, em formato de história em quadrinhos. A narrativa ilustrava uma viagem no tempo de Boulos, estabelecendo um diálogo intertextual com o filme *De volta para o futuro* (Robert Zemeckis; 1985). Na história, Boulos viaja com seu “celtinha”, carro que se tornou conhecido durante a campanha, e encontra sua candidata a vice, então prefeita de São Paulo, em sua última semana de mandato, em 1992. Como mostram as Figuras 1 e 2, a trama começa com a chegada de Boulos a 1992, em que ele encontra *Erundina prefeita*, e termina com seu retorno a 2020, sendo recepcionado por *Erundina* como vice. A estratégia foi utilizada para desmentir *fake news* e destacar os projetos e benfeitorias realizados durante a gestão de Erundina, sugerindo que o governo proposto para 2020 se inspira no que já foi realizado, mas com um olhar para as possibilidades do futuro.

GUILHERME BOLOS E LUIZA ERUNDINA NO HGPE: APRESENTAÇÃO DO EU COMO CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SOCIAIS

Assim, a construção de sentido dessa série de tirinhas se propõe a valorizar a experiência de Erundina em conformidade com a renovação representada por Boulos. Passado e presente se encontram para projetar um possível futuro sob a liderança dos candidatos.

FIGURA 1 Boulos viaja para 1992 e encontra a prefeita Erundina



Fonte: Boulos (2020b).

Nessa perspectiva, instala-se nosso interesse de pesquisa em analisar os modos de se dar a ver a candidatura de Boulos e Erundina, manifestos no HGPE na campanha de segundo turno, momento em que disputam a eleição com o PSDB. Buscamos perceber as temáticas privilegiadas e os efeitos de

FIGURA 2 Boulos retorna para 2020 e encontra Erundina



Fonte: Boulos (2020c).

sentidos que essas escolhas projetam na imagem dos pleiteantes, alicerçando-se na tradição e na renovação, uma espécie de releitura atualizada de uma esquerda que um dia governara São Paulo, representada no mandato de Luiza Erundina entre 1989 e 1992. É preciso lembrar que, na diferença geracional, Boulos e Erundina se encontram, além do cenário político, na atuação docente e na luta por moradia. Erundina relembra que, na década de 80, “[...] militava na prefeitura, enfrentando a repressão política e social contra as pessoas que ocupavam a terra na cidade de São Paulo, organizando o movimento ligado às

favelas, aos cortiços [...] ajudando-os a resistir aos despejos” (Jinkings; Pericás, 2020, p. 30). Agora sua luta prossegue ao lado de um líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, um encontro que o tempo e a luta por moradia tornaram possível.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O estudo está alicerçado no método de trabalho proposto no artigo *Análise da Comunicação Eleitoral: uma proposta metodológica para os estudos de HGPE*, publicado em 2011 pelos pesquisadores Luciana Panke e Emerson U. Cervi, à época líderes do Grupo de Pesquisa Comunicação Eleitoral (CEL), da Universidade Federal do Paraná (UFPR). De acordo com os autores, a pesquisa deve ser dividida em três fases, sendo que a primeira abarca a seleção inicial de *corpus* do HGPE, dando prosseguimento ao levantamento de dados sobre o contexto e as campanhas dos candidatos a serem estudados, assim como organização do material e decupagem dos programas veiculados na televisão durante o HGPE. O processo de decupagem fornecerá os dados necessários para a categorização de temas, que, convertidos em porcentagem, poderão indicar os assuntos que priorizam a projeção da imagem pública do candidato.

A variável observada no processo de decupagem foi “Temas”, considerando, desse modo, a temática central do conteúdo veiculado. Essa variável foi analisada a partir de 17 categorias, sendo elas: 1) Administração Pública; 2) Candidato/a; 3) Cidade; 4) Desqualificação; 5) Lideranças; 6) Conjuntura; 7) Educação; 8) Saúde; 9) Segurança; 10) Economia; 11) Infraestrutura; 12) Meio ambiente e sustentabilidade; 13) Político-sociais; 14) Pautas identitárias; 15) Religião; 16) Corrupção; 17) Pandemia. A observação desta variável permite verificar qual assunto predomina nos programas eleitorais dos pleiteantes aqui analisados. Dentre as possibilidades categóricas, adianta-se que algumas não apareceram nos programas analisados, a exemplo de religião, corrupção e pandemia. Note-se que a codificação se desenvolveu a partir de uma análise dos segmentos do programa eleitoral, o qual “pode ser definido como um trecho autônomo de vídeo, que apresenta temática, orador e ambientes delimitados” (Massuchin; Cavassana, 2020, p. 92). Logo cada vídeo pode ter mais de um segmento.

A partir desse processo metodológico, será possível analisar os discursos dos programas. Panke e Cervi (2011) apontam a importância de olhar para “o que” foi falado e “como” os temas foram expostos. Nesse momento, será possível iniciar precisamente a Análise de Conteúdo, considerando como as estratégias estéticas presentes nos formatos dos programas em consonância com as temáticas preponderantes “reconfiguram a realidade e induzem sentimentos que são capazes de afetar as avaliações dos eleitores” (Panke; Cervi, 2011, p. 394).

Enfim, propomos, aqui, o levantamento dos dados e a interpretação da construção de seus efeitos de sentido, unindo técnicas quantitativas e qualitativas de modo complementar, identificando o apelo persuasivo, as estratégias e os possíveis esvaziamentos durante a campanha veiculada no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral em televisão, entre os dias 20 e 27 de novembro, no segundo turno das eleições municipais de São Paulo, em 2020.

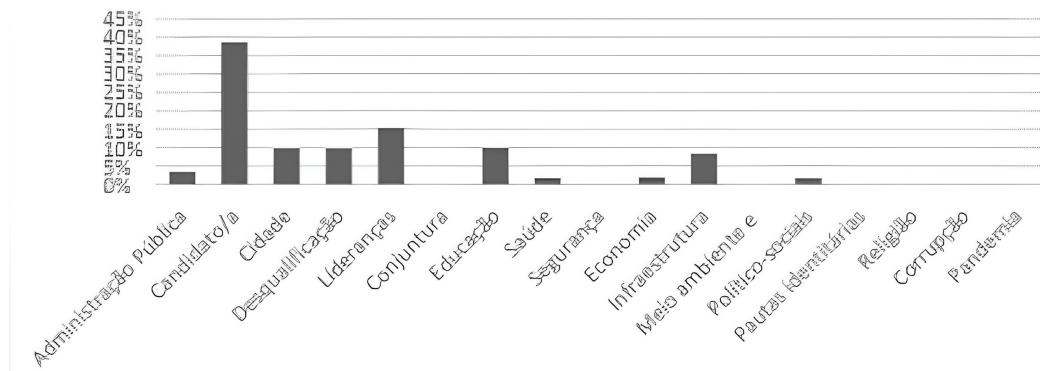
4 A IMAGEM PÚBLICA REFLETIDA NO HGPE: O SENTIMENTO DE EMPATIA COMO DISCURSO POLÍTICO

Conforme advertem Afonso de Albuquerque e Camilla Quesada Tavares (2018), o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral se constitui importante elemento na formação da imagem e da opinião pública no período eleitoral, oferecendo uma oportunidade para os candidatos se apresentarem aos eleitores⁸. Vemos que os candidatos do PSOL, Guilherme Boulos e Luiza Erundina, aproveitam-se desse espaço para reiterar e buscar a construção e consolidação de uma opinião pública a respeito de suas imagens enquanto líderes políticos e de movimentos sociais. É a temática “candidato” que se destaca no HGPE da candidatura, alcançando 39% do tempo total dos programas, seguindo-se da presença de lideranças com 15% do tempo exibido. Já com 10% estão as

⁸ O HGPE associa-se diretamente a ao quesito da *imagem pública/social*, elemento determinante no âmbito de um jogo em que competem indivíduos, grupos e instituições. A construção desta imagem busca controlar e determinar audiências, atenções, interesses e predileções do público: disputa-se, como aponta Wilson Gomes (2014, p. 185), “o tempo livre do cidadão”; disputam-se “a memória e a preferência do consumidor”, o “apoio da opinião pública e a eleição das próprias pretensões políticas pelo eleitorado”. Para o pesquisador, as imagens sociais ou públicas, serão estabelecidas por atributos conceituais; podem conter elementos visuais, mas suas configurações manifestam-se principalmente por meio de ações e discursos que serão convertidos em indícios, pistas e sintomas – permitindo raciocínios inferenciais.

temáticas cidade, desqualificação e educação, seguindo-se de 8% na temática infraestrutura, 3% dedicados à administração pública, sendo que, com 2% do tempo, aparecem as categorias saúde, economia e político-sociais (Gráfico 1).

GRÁFICO 1 Temáticas presentes no HGPE de Boulos e Erundina



Fonte: Elaborado pelos autores.

A categoria liderança conta com a presença dos políticos Ciro Gomes (PDT), Flávio Dino (na época do PCdoB) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), dos artistas Wagner Moura, Caetano Veloso, Chico Buarque, Sônia Braga, Camila Morgado, Elisa Lucinda, Emicida, Tonico Pereira, Humberto Carrão, Osmar Prado, Teresa Cristina, Zeca Baleiro e de intelectuais como Laura Carvalho, Professora de Economia (FEAUSP) que realiza depoimento em apoio aos candidatos, assim como Benedito Mariano (sociólogo), Pedro Serrano (Advogado), Daniel Cara (Cientista Político), Leda Paulane (Professora de Economia - USP), Marco Antonio Rocha (Economista), Guilherme Mello (Economista Unicamp), Vladimir Safatle (filósofo e escritor), Rui Braga (Especialista em Sociologia do Trabalho - USP), que compõem a equipe técnica de especialistas que colaboraram com o Plano de Governo da candidatura e aparecem no programa televisivo em fotografias P&B com seus nomes e qualificações destacados em tela.

Em certa medida, a temática “liderança” pode ser associada à categoria “candidato”, pois os líderes surgem para expressar apoio, realizar elogios e solicitar votos para Boulos e Erundina. Assim, unindo o tempo de programa dedicado a essas duas temáticas, totalizam-se 54% do tempo utilizado no HGPE direcionado à imagem dos candidatos.

Essas duas categorias temáticas, “candidato” e “liderança”, priorizam o formato mais tradicional de propaganda: os pronunciamentos, que “[...] do ponto de vista dos candidatos e da formação da sua imagem, é o modo de se apresentar ao público diretamente, falando de maneira explícita com os eleitores e ganhando mais visibilidade, por ocupar o lugar de fala no programa” (Massuchin; Cavassana, 2020, p. 86). Boulos aparece no ambiente doméstico de sua casa, o mesmo cenário de seus programas nas redes sociais, como no quadro “Café com Boulos”. Nos programas televisivos do HGPE, ele aparece em dois ambientes: a sala e a cozinha. Em alguns enquadramentos, é possível visualizar ao fundo a família – esposa e filhas –, desfocada, realizando tarefas cotidianas (Fotografia 1). Em outros momentos, Boulos surge no formato de pronunciamento em ambientes externos, geralmente trazendo a temática “candidato” para o centro do discurso. Isso ocorre, por exemplo, ao visitar o Conjunto Dandara, em São Mateus, na zona leste, e ao encerrar a campanha na Comunidade Morro da Lua, localizada no Campo Limpo, locais de sua atuação no MTST (Fotografia 2).

FOTOGRAFIA 1 Boulos em ambientes domésticos



Fonte: Frames de programas eleitorais exibido no HGPE.

Luiza Erundina, sendo do grupo de risco do vírus da Covid-19, saiu às ruas na campanha de segundo turno no “Erundinamóvel”, uma Saveiro adaptada com a instalação de uma cabine de acrílico na caçamba, muito lembrado pela alusão ao “Papamóvel”. No HGPE, a candidata a vice-prefeita aparece no formato de pronunciamento falando de si mesma. Erundina fala de seus projetos na trajetória política, do empoderamento para tirar o povo da miséria e da necessidade de dar sua vida pela causa. Ainda ressalta que, ao chegar na

GUILHERME BOULOS E LUIZA ERUNDINA NO HGPE: APRESENTAÇÃO DO EU COMO CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SOCIAIS

FOTOGRAFIA 2 Boulos em cenários urbanos



Fonte: *Frames* de programas eleitorais exibido no HGPE.

periferia, é tratada pelo povo como um deles. Nesses pronunciamentos, em um cenário que remete ao doméstico, ressalta elementos pessoais, aproximando-se do povo. Há um efeito de sentido produzido do “sou eu” e “sou semelhante a eles”.

FOTOGRAFIA 3 Erundina em cenário de aparência neutra e doméstica



Fonte: *Frame* de programa eleitoral exibido no HGPE.

Guilherme Boulos também enfatiza esses elementos ao evidenciar a categoria “candidato” em tela. O discurso da empatia se faz presente, destacando a importância de se colocar no lugar do outro. Ao relembrar uma história de

infância em que foi a um estádio de futebol e testemunhou um policial agredir um menino que vendia amendoim, ele recorda ter olhado para o garoto, percebendo o desespero em seu olhar e pensando: “Pô, podia ser eu”. Em seguida, complementa:

A gente foi perdendo essa capacidade de sentir a dor das outras pessoas. E eu acho que todo mundo sente isso. Problema é que, às vezes, a gente não sabe o que fazer com isso. Eu descobri uma forma. Decidi transformar esse sentimento, essa coisa de não se conformar numa escolha de vida.

Essa sua escolha de vida se intensifica quando Boulos, aos seus 20 anos, deixa a casa dos pais, localizada em um bairro nobre, para morar na periferia de São Paulo. O líder do MTST ressalta que o aprendizado que conquistou lá nenhum mandato parlamentar lhe daria: “Aprender a ver as pessoas como gente”. Assim, os programas trazem a presença em tela de pessoas que conquistaram suas moradias com ajuda de Boulos e relatam a relação com o candidato. Trata-se de uma estratégia de credibilizar o discurso do homem público, de estar junto ao povo. Uma moradora diz: “Aprendi com o Boulos a me valorizar, a ser uma pessoa mais forte, poderosa. Aprendi com ele”. Nota-se que há um efeito de sentido de empatia, de se colocar no lugar do outro e, assim, uma troca de experiências, de aprendizados. Há um discurso enfatizando que, ao abrir-se para vivenciar as dores dos outros, surge uma brecha para ensinar e aprender reciprocamente. Uma das moradoras diz considerar Boulos como um membro da família, mais uma vez trazendo na construção da imagem do candidato a ideia subentendida de “sou eu” e “sou semelhante a eles”.

Os dois candidatos que compõem a chapa do PSOL à prefeitura de São Paulo demonstram sintonia tanto nos discursos quanto nos modos de se apresentar publicamente. Ambos rememoram suas trajetórias de atuação em proximidade com o povo e se colocam em ambientes de acolhimento – o espaço do doméstico, do cotidiano, ou seja, do “ser e estar” como parte do familiar. A presença física dos candidatos se destaca pelo uso de vestimentas em tons de azul, cor tradicionalmente associada ao PSDB. Boulos e Erundina parecem adotar um discurso moderado, recurso já utilizado anteriormente pelo PT, como no caso da estratégia de campanha de Marta Suplicy. Boulos, em especial, não utiliza cores comumente associadas à esquerda nem estampas marcantes em suas vestimentas. Essa neutralidade visual pode ser entendida como uma estratégia

para desconstruir a imagem pejorativa de “esquerdista radical” frequentemente atribuída a ele por seu adversário Bruno Covas durante a campanha. Nas redes sociais, por exemplo, Boulos ironiza o rótulo de “radical” por meio de postagens bem-humoradas, associando o termo a esportes radicais, como o *skate* – inclusive, chegou a disponibilizar um *game* em suas plataformas *online* com o nome “*Boulos Radical*” (Boulos, 2020a), conforme ilustrado na Figura 6.

FIGURA 3 Divulgação do *game* “*Boulos Radical*”.



Fonte: Boulos (2020a).

Na apresentação de si mesmos⁹, os candidatos estabelecem uma relação com o mundo, articulando quem são e como se relacionam com aqueles que são. Ou seja, pode-se considerar que, ao debate público e ideológico, alinha-se a “propagação de um manto de imagens que lustra e unifica uma visão comum do mundo, à qual somos instigados a aderir, a crer, a aquiescer, pelo menos com o olhar” (Landowski, 2004, p. 32).

A imagem midiática exibida no HGPE contribui para os processos de construção identitária e de projeção do eu e do outro, colocando em cena “ao mesmo tempo o tipo de relação que tais sujeitos mantêm com seu próprio corpo e, por meio dele, a maneira como vivem naquele instante sua relação com o mundo e, em primeiro lugar, com os outros [...]” (Landowski, 2004, p. 52). Logo, pode-se inferir que a imagem do sujeito enunciante exerce “um papel essencial no plano social e até mesmo político como meio de formação de um consenso difuso sobre a própria construção dos fatos e a definição de valores” (Landowski, 2004, p. 32).

Ao privilegiar a temática “candidato” enfatizando a imagem do eu e do outro como semelhante, conforme elucidam Sandra Fischer e Aline Vaz (2021, p. 87–88), nota-se que, no jogo político, em que se articula, simultaneamente, na pele do governante e na do governado, as plataformas de governo propostas pelos aspirantes ao poder, trabalham com representações de um determinado povo. Nessa perspectiva, fazendo-se indispensável “deixar-se conhecer, saber abrir-se suficientemente para dar a cada um o sentimento de que ele o ‘conhece’” (Landowski, 2002, p. 190), desse modo, produzindo a sensação de “estar junto”, podendo, assim, traduzir-se em número de votos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo pretendeu olhar de perto para os programas da candidatura de Guilherme Boulos e Luiza Erundina, veiculados no HGPE, durante as eleições municipais de São Paulo, no segundo turno da campanha de 2020.

⁹ A apresentação de si mesmo se dá por meio da construção de uma fachada, que, à moda de Erving Goffman (2002, p. 29), ocorre por meio de um “equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação”.

Motivados pela justaposição de uma candidata com ampla experiência na política e um jovem militante que, até então, nunca havia ocupado um cargo parlamentar¹⁰, buscamos refletir sobre os modos como essas duas figuras se apresentam, bem como os efeitos de sentido que emergem da abordagem de temáticas e das escolhas estéticas nos programas televisivos.

Ao analisarem-se os últimos mandatos da cidade, nota-se que São Paulo tem vivenciado, de forma recorrente, a ascensão de vice-prefeitos à cadeira de prefeito. Um exemplo disso é Bruno Covas, que foi eleito vice-prefeito de João Doria em 2016 e assumiu a prefeitura em 6 de abril de 2018. Durante a campanha, Boulos utilizou essa situação recorrente na história da capital para destacar o nome do candidato a vice-prefeito na chapa de Covas, ressaltando escândalos ligados à Ricardo Nunes. Nessas ocasiões, o candidato do PSOL orgulhava-se de ter Luiza Erundina como vice e afirmava não precisar escondê-la, em uma crítica direta a seu adversário político.

Dessa forma, a candidatura do PSOL privilegiou inserir no cerne da campanha eleitoral a imagem tanto do candidato a prefeito quanto de sua vice, pois, parece-nos, a construção da imagem pública de ambos seria determinante para a produção de sentido que se almejava mostrar durante o processo eleitoral. Nessa justaposição das imagens públicas, busca-se apresentar um equilíbrio: a novidade que Guilherme Boulos representa é respaldada pela experiência de Luiza Erundina, enquanto Erundina é influenciada pela renovação de Boulos. Essa relação de troca entre os dois pode ser compreendida como uma via de mão dupla, na qual a experiência e a renovação se retroalimentam, numa lógica de aprendizagem mútua. É nesse ponto que o pensamento de Paulo Freire (1996) se faz presente, ao propor que ensinar e aprender são processos indissociáveis e dialógicos, ideia que se alinha à maneira como a campanha procurou apresentar os dois candidatos: como figuras que se constroem e se fortalecem na relação com o outro.

Durante os programas exibidos no HGPE, Erundina expressa uma perspectiva de mundo que revela sua disposição para continuar atuando politicamente, apesar da idade. Para ela, mais do que o número de anos vividos, o que determina o vigor e a capacidade de ação é a maneira como se pensa, como se

¹⁰ Em 2022, Guilherme Boulos (PSOL) se candidatou a Deputado Federal por São Paulo e foi eleito com o maior número de votos em seu estado, totalizando 1.001.453 votos.

enxerga o mundo e se posiciona diante dele. Essa perspectiva, que privilegia o pensamento ativo e o engajamento constante, evidencia-se na forma como os candidatos valorizam o compartilhamento e as partilhas sensíveis, em consonância com a pedagogia freireana – um aprendendo com o outro e incluindo o povo nesse processo de ensino-aprendizagem, que se realiza nas relações sociais de ser e estar juntos, tão presentes na trajetória dessas duas figuras políticas.

Podemos considerar que essa apresentação de si, na relação com outro, suaviza marcas de um discurso que poderia ser considerado radical, ao valorizar a empatia e o compartilhamento, sentimentos que deveriam transcender posições políticas e ser compreendidos como inerentes à própria humanidade. Assim, a candidatura do PSOL, partido que um dia surgiu como uma alternativa mais à esquerda diante de um PT mais moderado, adere também a essa moderação, deslocando, em certa medida, o foco da dicotomia direita *versus* esquerda para a contraposição “situação *versus* oposição”. Essa oposição se constrói menos pela desqualificação do adversário (presente em apenas 10% do tempo dos programas exibidos durante o HGPE) e mais pela reafirmação da própria imagem. Ou seja, ao apresentar publicamente, os candidatos contrapõem-se, de forma implícita, à imagem reconhecida como opositora.

Esse movimento pode ser compreendido à luz do conceito de imagem pública/social proposto por Wilson Gomes (2014), para quem o controle da imagem pública não depende meramente da sua construção, mas também da habilidade de desestabilizar a imagem do oponente. Podemos pensar que a imagem construída pelos eleitoráveis do PSOL parece indicar justamente aquilo que a candidatura do PSDB não representa. Ao escolher um candidato, o eleitor endossa uma representação e adere a uma concepção de imagem pública que, supostamente, o oponente não é capaz de oferecer.

Nessa perspectiva, o presente estudo levanta questões importantes para a relevância de pesquisas futuras em que se analise a utilização da temática “candidato” no HGPE dos programas da candidatura de Bruno Covas nas eleições municipais de São Paulo em 2020. Desse modo, será possível confrontar as estratégias com o seu oponente Guilherme Boulos. Analisar as formas como figuras políticas se apresentam é de grande relevância para compreender a construção dos imaginários sociais que marcam determinadas épocas, sociedades e grupos. Ainda que frequentemente se fale em um imaginário pessoal – como se fosse algo exclusivo do indivíduo –, essa percepção se revela ilusória

quando se observa que tais visões de mundo estão, na verdade, profundamente enraizadas nos valores, símbolos e representações coletivas compartilhadas por um grupo social. Nesse sentido, o imaginário não é apenas individual, mas reflete o contexto cultural e simbólico no qual o sujeito está inserido.

Então, quando Boulos e Erundina falam de si mesmos, priorizando a temática “candidato” em seus programas veiculados no HGPE, estão manifestando também o imaginário de um grupo ao qual pertencem, que, por sua vez, não é o mesmo em que o PSDB está incluído, persistindo na histórica rivalidade por muito tempo protagonizada entre tucanos e petistas, atualizada agora na oposição tucanos e psolistas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Afonso de; TAVARES, Camila Quesada. Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral: estilo, estratégias, alcance e os desafios para o futuro. *25 Anos de Eleições Presidenciais no Brasil*. Curitiba: Appris, 2018. p. 1-25.
- BORBA, Felipe; MEIRA, João Francisco; DUTT-ROSS, Steven. O HGPE morreu?: a audiência da propaganda eleitoral e o voto. In: LAVAREDA, Antonio; TELLES, Helcimara (ed.). *Eleições municipais na pandemia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2022.
- BOULOS, Guilherme. *Boulos Radical*. São Paulo, 24 nov. 2020a. Facebook: Guilherme Boulos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/guilhermeboulos/photos/1900504770100065>>. Acesso em: 17 dez. 2024.
- BOULOS, Guilherme. *Dezembro de 1992, última semana de Erundina na Prefeitura*. São Paulo, 02 out. 2020b. Facebook: Guilherme Boulos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/guilhermeboulos/photos/1839159929567883>>. Acesso em: 17 dez. 2024.
- BOULOS, Guilherme. *Novembro de 2020*. São Paulo, 14 nov. 2020c. Facebook: Guilherme Boulos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/guilhermeboulos/photos/1889061431244399>>. Acesso em: 17 dez. 2024.

- BOULOS, Guilherme. Sobre o Deputado. In: BOULOS. São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://guilhermeboulos.com.br/bio>>. Acesso em: 16 fev. 2024.
- CERVI, Emerson Urizzi. O “tempo da política” e a distribuição dos recursos partidários: uma análise do HGPE. *Debate*, Belo Horizonte, v. 2, n. 8, p. 12-17, 2010. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/3164>>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- CODATO, Adriano; BERLATTO, Fábia; BOLOGNESI, Bruno. Tipologia dos políticos de direita no Brasil: uma classificação empírica. *Análise Social*, v. LIII, n. 229, p. 870-897, 2018. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/22240>>. Acesso em: 11 abr. 2025.
- COPPEDGE, Michael. *A classification of Latin American political parties*. v. 244. Notre Dame: Helen Kellogg Institute for International Studies, 1997.
- ERUNDINA, Luiza. Biografia. In: LUIZA Erundina: Deputada Federal. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://luizaerundina.com.br/biografia/>>. Acesso em: 11 dez. 2024.
- FISCHER, Sandra; VAZ, Aline. Sem palco nem palanque?: apontamentos sobre as figuras do herói e do bufão no imaginário da política brasileira. *Estudos Semióticos*, v. 17, n. 1, p. 82-106, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/178031>>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saber necessário à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIÚDICE, Noelle Carvalho Del. *De materialista a pós-materialista: a trajetória programática do PSOL e a representação de novas demandas*. 2019. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2019.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOMES, Wilson. *Transformações da política na era da comunicação de massa.*

São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2014.

JINKINGS, Ivana; PERICÁS, Luiz Bernardo. Entrevista Luiza Erundina de Souza. *Margem esquerda*, São Paulo, v. 35, p. 11-29, 2020.

LANDOWSKI, Eric. Flagrantes delitos e retratos. *Galáxia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica*, n. 8, 2004. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1392>>. Acesso em: 22 abr. 2025.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociossemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. *Revista Famecos*, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3123>>. Acesso em: 19 abr. 2024.

MASSUCHIN, Michele Goulart; CAVASSANA, Fernanda. A construção da propaganda eleitoral: a estrutura do HGPE no Brasil a partir de uma perspectiva longitudinal. *Teoria & Pesquisa: *Revista de Ciência Política*, v. 29, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/790>>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MIGUEL, Luis Felipe. Apelos discursivos em campanhas proporcionais na televisão. *Política & Sociedade*, v. 9, n. 16, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2010v9n16p151>>. Acesso em: 22 abr. 2024.

PANKE, Luciana; CERVI, Emerson Urizzi. Análise da Comunicação Eleitoral: uma proposta metodológica para os estudos de HGPE. *Revista Contemporânea*, Salvador, v. 9, n. 3, p. 390-403, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/5533>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

PARTIDO SOCIALISMO E LIBERDADE (PSOL). *História*. Disponível em: <<https://psol50.org.br/partido/historia/>>. Acesso em: 17 dez. 2024.

SANTOS JUNIOR, Marcelo Alves dos; ALBUQUERQUE, Afonso de. PSOL versus PSOL: facções, partidos e mídias digitais. *Opinião Pública*, v. 26, n. 1, p. 98-126, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/op/a/6C7Ftwm5DcMmBYzgmC7Bh8Q/?format=pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2024.

SÃO PAULO. *História*. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/historia/>>. Acesso em: 17 dez. 2024.

SCHMITT, Rogério; CARNEIRO, Leandro Piquet; KUSCHNIR, Karin. Estratégias de campanha no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral em eleições proporcionais. *Dados*, v. 42, n. 2, p. 277-301, 1999. Disponível em: <<https://dados.iesp.uerj.br/artigos/?id=565>>. Acesso em: 14 fev. 2024.

VEIGA, Luciana Fernandes; SOUZA, Nelson Rosário de; CERVI, Emerson Urizzi. As estratégias de retórica na disputa pela Prefeitura de São Paulo em 2004: PT, mandatário, versus PSDB, desafiante. *Opinião Pública*, v. 13, p. 51-73, 2007. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/3856>>. Acesso em: 28 abr. 2024.

WEBER, Maria Helena. Imagem pública. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). *Comunicação e Política: conceitos e abordagens*. Salvador: Edufba, 2004. p. 259-307. Disponível em: <<https://comunicacaoeleitoral.ufpr.br/wp-content/uploads/2018/03/RUBIM-org-Comunicacao-e-politica-conceitos-e-abordagens-1.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2024.